

**Sandra Nogueira**  
**Antropóloga**  
**Portugal**

## **Os Ofícios Tradicionais como Vertente do Turismo Cultural**

*Os traços materiais são os testemunhos que mais se manifestam e que mais duráveis são dentro de uma cultura. De muitas das civilizações passadas, é tudo o que nos resta.*

**Marcel Maget**

O Turismo pode e deve ser observado nas suas mais diversificadas facetas. Sendo uma criação humana, este fenómeno tal como outros, está longe de ser uma actividade perfeita e, por conseguinte, devem os fenómenos turísticos ser estudados pelas mais diversas ciências sociais.

O turismo não é mais do que um fenómeno migratório temporário. Um fenómeno que acontece e é alimentado por um vai e vem de gentes, com os seus diferentes modos de falar, estar e actuar.

Na actividade turística de qualquer país ou comunidade podem ser encontrados aspectos positivos e negativos. O que pretendo com esta comunicação é reflectir sobre a vertente positiva que o incremento da actividade turística poderia exercer sobre as artes e os ofícios tradicionais portugueses.

Será o Turismo uma das "tábuas de salvação", para muitas das actividades artesanais em vias de extinção em Portugal?

O turismo é um excelente veículo de transmissão e divulgação cultural. É a primeira imagem mental que me surge. O Turismo como actividade quase mágica que permite uma mistura tão ímpar e infinita de ideias, costumes, linguagens, formas de estar e assim por diante.

Devem as comunidades que recebem turistas apenas receber o que vem do exterior? Devem adaptar-se e deixarem-se *aculturar* por aquilo que vem do exterior? E onde fica a história dessa comunidade? Que memórias devem persistir e continuar para além do tempo e do espaço? Devem essas comunidades esquecer as suas raízes? Como vencer este fenómeno ou como conjugar todas estas problemáticas, aceitando e, por vezes adoptando o que vem do exterior, sem perder a tão desejada *identidade cultural*.

É sem dúvida uma tarefa difícil esta de "trabalhar" o Turismo do ponto de vista positivo. E isto significa que se deve ter em conta não só o aspecto financeiro, mas também o aspecto cultural e um acreditar de que os aspectos que mais caracterizam ou identificam uma determinada comunidade não morrem nem desaparecem porque se "recebe em casa" visitantes provenientes de toda a parte. O que acontece é que às nossas memórias e vivências culturais se vão juntando outras partículas culturais que vão transformando essas memórias à velocidade que essa mesma comunidade permitir.

Tal como afirma o antropólogo acima citado -Marcel Maget-, os fenómenos materiais são aqueles que mais tempo permanecem visíveis e que servem de prova para muitas outras abordagens acerca da actividade humana no Planeta.

Olhar e conhecer os Ofícios Tradicionais, é uma extraordinária viagem a um passado que em muitos casos ainda faz parte do presente.

Afinal a cultura também passa pelos objectos.

Através deles contamos a história de parte da nossa História.

Por mais que as pessoas em geral pensem que os objectos nada nos dizem ou eventualmente caracterizem como desperdício de tempo, a análise, a atenção e o investimento em estudos desta natureza, a realidade é bem mais simplista. As sociedades são desde sempre constituídas e assistidas pelo "material". Há de facto uma diversidade enorme de mundos materiais... cada comunidade, região ou país, tem a sua história material. Cada uma delas teve e tem um percurso que assenta sobre aquilo que se cria e que através do gesto se corporiza, isto é, tem vida.

A relação entre o Turismo e as Artes e os Ofícios Tradicionais pode pois ser observada sob 4 prismas:

1- Turismo/ Cultura Urbana / Cultura Rural

2 - Turismo e Globalização

3 - Turismo e Preservação do Património

4 - Turismo: intercâmbios e aprendizagens entre visitantes e visitados

Estes 4 aspectos podem ainda ser olhados todos juntos e analisados na sua globalidade. As vertentes aqui levantadas estão todas próximas e, por conseguinte, interdependentes.

Neste sentido, o Turismo como fenómeno de massas que é, foi durante muito tempo considerado uma actividade urbana. Hoje, a ideia está completamente ultrapassada e a prova são as inúmeras regiões rurais que se abriram para esta nova forma de vender bem-estar, descanso e também cultura. O Turismo não é de forma alguma uma actividade urbana, mas sim uma actividade que exige algumas *urbanidades*. Quem faz turismo tenta obter durante esse período muito do que não consegue diariamente. Este desejo é corporizado num certo bem-estar e conforto material, que dá ao turista uma espécie de energia e o faz esquecer em parte o mundo donde provém. Aqui e, só aqui, as regiões rurais tiveram e têm de se adaptar. Temos cada vez mais cidadãos bem informados e exigentes que só querem o melhor. Têm de facto as regiões rurais de criar infra estruturas que possam atrair *forasteiros* e dar-lhes todas as condições para que estes ali permaneçam o maior tempo possível. Não vejo aqui qualquer adversidade entre o Turismo e o Mundo Rural. O que há é uma maior aproximação entre estes dois mundos. Existem diferenças, diferenças essas que são cada vez mais cultivadas por quem vive nas regiões rurais e, desejadas e apreciadas por quem vive nos espaços urbanos.

Este vai-vem de gentes, contribuiu para o cair das fronteiras físicas entre países e/ou regiões e simultaneamente para o estreitar de relações entre o tradicional e o moderno. Os *media* e o turismo podem ser considerados responsáveis pela *globalização* da cultura.

Sem dúvida, que a globalização é das temáticas mais polémicas do ponto de vista da afirmação cultural dos povos. Muitas têm sido as discussões entre os técnicos e inúmeras têm sido igualmente as opiniões. Esta realidade pode ser encarada quase como uma luta entre o bem e o mal. Por um lado, a Humanidade caminha

tendencialmente para a unificação e homogeneização, mas por outro lado não abdica da diversificação.

Em altura de grandes revoluções ao nível da ciência Genética, contra a “clonagem” cultural insurge-se meio mundo. Lévi –Strauss defende que o que «deve ser salvo ou preservado é o direito à diversidade e não o conteúdo histórico que cada época deu, dado que nenhuma conseguiria prolongar-se para além de si mesma» (1973:339).

Desde há muito que, de um lado se encontram os defensores da globalização e, de outro lado os defensores das identidades culturais.

Porque a globalização é consequência da modernização, será esta última incompatível com a preservação das identidades culturais de cada um de nós?

Se inicialmente era usual pensar-se desta forma, neste momento e, dado o que se tem observado, o que está a acontecer é precisamente o contrário. Pedro García Gomes, Catedrático da Universidade de Granada, defende que a globalização é inevitável, o progresso e a diversidade são importantes para que a Humanidade não se “ossifique”. O autor vai ainda mais longe quando afirma ser muito perigosa a noção de “identidade cultural”, uma vez que a considera demasiado reducionista e desumanizadora. A globalização não deve ser restrita ao aspecto económico-financeiro. Esta, dá não só possibilidades aos indivíduos de acederem a outras culturas, como abre também caminhos para uma melhor e mais eficaz defesa das suas próprias referências culturais. Neste contexto a globalização não fará desaparecer as culturas locais, pelo contrário, tudo o que for realmente importante e valioso culturalmente, encontrará à escala mundial terreno propício para germinar, desenvolver-se e expandir-se.

Isto significa que a ideia da preservação das raízes culturais dos povos, deixa de cingir-se meramente às fronteiras físicas dos territórios. O reavivar de pequenos costumes e tradições locais, devolverá à Humanidade a riqueza da multiplicidade de comportamentos e manifestações de cada um dos povos. O mais interessante é que García Gomez defende e encara a globalização, não como um fenómeno de massificação e homogeneização, mas sim como elemento de diversificação.

Assim mesmo: a Cultura constrói-se e reconstrói-se todos os dias. Ela é imutável. Os objectos são por conseguinte construções culturais e, por isso não podem ser entendidos fora de um determinado contexto cultural. A função e o significado de cada artefacto estão intrinsecamente e inteiramente dependentes de padrões culturais. Ao estudarmos os Ofícios tradicionais, ou num sentido mais abrangente a cultura material de uma comunidade, estamos a conhecer melhor essa mesma comunidade.

O Turismo funciona sem qualquer dúvida como forma de preservação do património, ou melhor, de patrimónios. A prova disso, é que em Portugal algumas artes tradicionais "escaparam" da extinção precisamente por causa do fenómeno turístico, como é o caso da Olaria, da Tapeçaria e da Doçaria.

Adequados e cuidados planos de intervenção cultural, ajustados às realidades de cada região, podem funcionar como potentes "armas" de arremesso contra a descaracterização identitária das comunidades, regiões ou territórios.

A cultura é uma construção diária e por conseguinte, permanente. Neste sentido, o intercâmbio entre os "visitados" e "visitantes" é frutuoso porque se vai complexizando e crescendo diariamente. As trocas são permanentes e muito positivas, na medida em que se dá e recebe simultaneamente.

Podemos então encarar o acto turístico, como uma interessante forma de aprendizagem e de troca de conhecimentos e experiências. Todas as regiões que vivem sob este fenómeno, sabem o quanto é importante mante-lo vivo. Dele dependem não só o desenvolvimento económico dessa região, como também o crescimento e enriquecimento cultural da mesma.

Concluindo, o turismo é uma excelente forma de afirmação cultural e através dele a preocupação de se manter uma certa identidade local ou regional, é uma realidade incontestável. O tradicional e o moderno caminham de "mãos dadas", num Mundo que se auto denomina cada vez mais como Global, standarizado, único. É sem dúvida muito interessante ver como é que as sociedades desejam tanto estar próximas umas das outras - mesmo quando as distâncias entre elas são de milhares de Quilómetro - e ao mesmo tempo, distanciam-se e

marcam a diferença através dos seus elementos culturais, sejam eles físicos, morais ou psicológicos

Por tudo o que foi dito anteriormente, o turismo pode e deve ser uma das formas de preservação das Artes e Ofícios Tradicionais.

Quando muitas regiões em Portugal perceberem esta realidade, muito do Património que diariamente se perde, irá permanecer vivo e continuará a enriquecer e a perpetuar a história cultural das populações.

Sandra Nogueira

## **BIBLIOGRAFIA:**

**Barreto**, Margarida

2000 *Los Museos y Su Papel en la Formación de la Identidad*,  
[www.naya.org.ar/articulos/identi02.html](http://www.naya.org.ar/articulos/identi02.html), 2001

**Conceição**, Angélica Ferreira da

1996 *A Refuncionalização do Cesto de Vindima Tradicional no Concelho de Azambuja*, policopiado,

**García**, Pedro Gomez

2000 *Globalización Cultural, Identidad y Sentido de la Vida*, 2001

**Lévi-Strauss**, Claude

1973 *Antropología Estructural – Mito, Sociedad, Humanidades*, México, Siglo XXI, 1979

**Maget**, Marcel

1962 *Guide D'Etude Directe Des Comportements Culturels*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique

**Mauss**, Marcel

1967, *Manual de Etnografia*, Lx, Publicações D. Quixote, 1993

**Miller, Daniel**

1998 *Why Some Things Matter*, [www.indiana.edu/~wanthro/miller.html](http://www.indiana.edu/~wanthro/miller.html)

2001, citado por Tracy Luedke

**Nogueira, Sandra**

2000 *A Tanoaria no Concelho do Cartaxo*, in *Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Jovens Historiadores e Antropólogos*, 3ª Edição 1996/97 (Beira Litoral, Estremadura e Ribatejo), Volume III, Lisboa/Porto, Fundação da Juventude.

**Ostrowska, Anna**

2000 *Our Lady in Constant Help – Uses of Material*,

[www.ub.es/easa/42w.html](http://www.ub.es/easa/42w.html), 2001